

PREFÁCIO

Este é um dos livros mais notáveis que alguma vez li. Descreve, somente, cinco temas do mundo do Tarot – duas cartas específicas de entre setenta e oito, o Mago (com o subtítulo “O Deus sem a Deusa”) e a Sacerdotisa (com o subtítulo “As Deusas sem Deus”) – e três temas, ou antes imagens: Montanhas, Animais e Água. E contudo engloba não só o mundo do Tarot mas também da cultura humana, dos Deuses, da natureza, história. Em suma... de tudo. O autor fá-lo com tão longo alcance que se poderia acreditar que Ulisses terá usado o Tarot para o guiar de volta a casa. Talvez Tirésias o tenha oferecido quando Ulisses visitou o vidente cego no Reino dos Mortos; afinal o Caminho para Casa não é sempre através da Morte? – tendo o herói grego, “aquele homem perito em todas as formas de vencer” (tradução livre de Robert Fitzgerald’s) decidido escrever um livro sobre as cartas e as informações que nos passam. Poderia, antes, dizer “ensinar” mas este não é um livro de ensino: é um livro de ofertas, no sentido mais profundo do termo.

Como fazer uma introdução a um livro que viaja para tão longe, que nos apresenta maravilhas a cada passo? Descobri, enquanto a escrevia, que a melhor maneira seria, simplesmente, de o recriar, todo, palavra por palavra, porque um sumário não conseguiria embarcá-lo todo. Pensei em Jorge Luís Borges, no seu romance “Pierre Maenard, criador do Quixote”, no qual o escritor presta a Cervantes o maior dos tributos ao re-escrever a sua obra mestre. Contudo (se me recordo corretamente da história), Menard não copia “Don Quixote”; chega mesmo a recusar-se a lê-lo. Prefere replicar, em vez, a vida de Cervantes de forma a criar o mesmo livro. Naturalmente que é demasiado tarde (em ambas as nossas vidas)

para que eu replique as experiências do Kimon, assim como não tem cabimento aqui que copie o texto do livro como introdução. Desta feita terei de me contentar com umas quantas pinceladas, e uns passos de dança com este prodigioso livro.

Enquanto lia o manuscrito e tirava notas (quarenta páginas, o mesmo número de dias que Moisés passou no alto da montanha a receber de Deus as Leis, o que indubitavelmente não escaparia a Kimon de mencionar) peguei numa cópia de “Godsong”, uma nova tradução do “Bhagavad-Gita, por Ajit Majmudar. Abrindo o livro de forma aleatória, deparei-me, na introdução, com a frase “Os Animais e os insetos são exatamente o que são”. Uma vez que “Animais” é um dos cinco temas no livro de Kimon, a frase chamou-me à atenção, o que equivale a dizer que “me deu um nó na cabeça”.

Apercebi-me, assim, que o objetivo de toda a erudição e detalhe demonstrados aqui por Kimon são, precisamente, para nos ensinar que o Tarot não é um mero código, seja para adivinhação, auto-consciencialização ou para estruturas mágicas da Hermética ou da Cabalística. Tarot é exatamente o que é. Inteiramente. Adicionalmente, no que aprendemos com a jornada que Kimon faz pelos seus cinco temas poderá ressoar o sentido brado do grande poeta americano, Walt Whitman - “Sou vasto. Contenho multitudes”. O Tarot é vasto. E também contém tudo.

A maioria dos livros de Tarot seguem um molde. Apresentam um enquadramento introdutório e princípios gerais daquilo que o autor entende que é o Tarot. Como referi anteriormente, descreve-se uma série de significados relevantes para a adivinhação mas, igualmente, um programa ou inspiração para um uso mais criativo, um catálogo – ou arquivo de memórias – de muitos e intermináveis detalhes ocultos, uma evocação de uma determinada cultura (como a cristã pré-céltica), um recurso para se descobrir quem se é para que se possa transformar em algo melhor, um guia para a vida quotidiana de forma a que não se destrua aquilo que nos é, verdadeiramente, relevante, entre outros. Depois, havendo

estabelecido os princípios, os livros desfilam pelas cartas de forma ordenada, naipes por naipes, número por número. Tratado o Seis de Paus passa-se para o Sete. Termine-se o naipe de Paus e passe-se para as Copas. Então, tratadas todas as cartas, escreva-se como usá-las o que, geralmente, significa introduções e lançamentos para leituras, seguindo-se os princípios e objetivos determinados na introdução.

Compreenda-se, não estou a menosprezar essas obras. Algumas serão triviais, enquanto que outras profundamente significativas. Pretendem, acima de qualquer coisa, serem úteis. Grande parte dos meus livros de Tarot seguiram, inclusive, este modelo e posso certificar, pelas cartas e e-mails que recebi, assim como por consultas que fiz, que a utilidade destes terá salvado vidas.

Contudo, não foi este o propósito a que Kimon se propôs. Ao invés de nos mostrar como usar o Tarot, ele demonstra-nos, através destas cinco abrangentes viagens o que é o Tarot.

Recorrentemente vamos destes temas particulares, ainda que vastos, para um estilo de poesia como a de Whitman ou a do grande poeta Português, Fernando Pessoa, cujas obras contêm, de facto, multitudes. Considere-se, por breves momentos (porque afinal não posso reescrever esta secção) o capítulo das Montanhas. O autor começa por descrever as suas observações sobre as montanhas do mundo, mas para Kimon “mundo” inclui Dante descendo ao Inferno e ao Purgatório, emergindo para escalar a montanha do Paraíso; ou o facto de todos os eventos importantes na vida de Moisés tiveram lugar numa montanha; ou Cristo Ressuscitado, levanta-se como uma montanha perante os seus discípulos com a ordem impressionante “Noli me tangere,” - Não me toqueis! Ao tomar este rumo, Kimon apresenta-nos as montanhas de forma como poucos de nós as haviam percebido.

Efectivamente ele debruça-se em cartas específicas, mas não da maneira ordenada anteriormente referida, mas antes movendo-se

tematicamente pelas imagens. Começa com O Louco e a curiosa afirmação “O Louco é o filho abençoado da montanha sagrada.” Em inglês poderá fazer-se um trocadilho com esta frase porque o Sol (Sun) Branco brilha sobre este Filho (Son)¹.

Outros exemplos: no três de paus ele vê nos bastões no topo da montanha o “dinamismo” de sentimento, pensamento e ação ou ainda Alma, Mente e Corpo (curiosamente, na Cabala Judaica, a triplicidade de almas coloca o pensamento sobre o sentimento), no Valete de Espadas, que se apresenta no topo de uma colina, ele mostra-nos como um poeta compreende o Tarot, ou melhor, como o próprio Tarot se torna em poesia. Ele afirma: “A sua cabeça, a sua mente e a sua atenção estão perto dos pássaros, ao nível das nuvens. Este valete fez de si próprio uma montanha, mas esqueceu-se da idade, da pedra, da erosão, das forças tectónicas e divinas. Desta maneira a montanha do jovem mostra-nos a audácia da ignorância. No seu melhor isso será algo ridículo, no seu pior será perigoso, pois a espada que tem em mãos é capaz de matar.”

Algumas cartas repetem-se em mais do que uma secção, frequentemente em perspectivas radicalmente diferente. A Rainha de Copas revela-se onde esperamos que o faça, em Água, mas também o faz em Montanhas uma vez que o seu trono descansa num rio que flui do mar para o sopé de uma montanha. Escreve ele assim: “O país do coração acaba abruptamente e cai no mar, no infinito”, uma afirmação paralela com a de Joseph Campbell “A dissolução de todas as coisas que amámos.”

Kimon tem profundas raízes na tradição do Tarot e na Árvore da Vida, mas o seu livro não é, nunca, sobre estes. Ao invés, escreve sobre a vida e sobre a morte, sobre a separação e sobre a união, sobre a alma, Deus, e porque não podemos encará-Lo diretamente senão somente através da natureza, intermediários, símbolos, nas dicotomias luz e escuridão, fogo e água, masculino e feminino, nas suas manifestações e interações subtís. É adequado que Kimon não

¹ “*The Fool is the blessed son of the sacred mountain.*”

prossiga de uma forma ordenada sobre cada carta porque essa poderá ser a fórmula de como se escreve um livro de Tarot; mas o resultado não é o Tarot. Tarot é algo que misturamos, baralhamos e ao qual fazemos perguntas. Algo que contém o mundo mas que se reinventa cada vez que nele pegamos.

Rachel Pollack

«Saber, Querer, Ousar e Calar.»

Ou, dito de outra maneira: Aprendizagem, Autoconhecimento, Ação e Concentração. Existem poucas definições melhores para um mago e certamente nenhum conselho mais certo, do que estas quatro palavras.



O templo do oráculo da Pítia, equivalente ao espaço do santíssimo duma igreja cristã, era consagrado ao deus solar Apolo que representa a consciência e o princípio masculino. Neste templo havia o cenotáfio de Dionísio. O santuário, antes de tornar-se apolíneo, tinha sido um templo da deusa da terra, Gaia. Foi ali que Apolo matou a píton alada dos poderes telúricos e assumiu o poder solar total, iluminando simbolicamente não somente o dia mas também a noite. Podemos considerar Delfos um memorial da luta vitoriosa do princípio masculino contra o feminino. É, assim, um monumento para o deus do Mago.

V. LIBERDADE

O Mago está de pé e sugere ação. Tem a possibilidade de mover-se rapidamente e de começar a andar em todas as direções.

O facto de ele não estar sentado mostra-nos que não tem nenhuma posição social.

Qualquer autoridade na nossa sociedade tem o direito de estar sentada, seja num trono ou numa cadeira.

Os que ficam de pé são aqueles que não têm nenhuma posição elevada na hierarquia.

Uma hierarquia, por definição, é a distribuição de poderes dentro dum grupo.

O Mago não está sob a regulamentação de nenhum grupo.

Ele tem não somente a liberdade para fazer o que quer, mas também está livre na escolha dos seus conceitos, das suas crenças e dos sistemas morais que resolve seguir.

O Mago, nos baralhos antigos, era um feirante, um ilusionista, um prestidigitador, fazia truques para um público a fim de ganhar o seu dinheiro. Aproximava-se do burlão.

No tarot de hoje o Mago já amadureceu, tornou-se confiável e espiritual. No entanto, o seu coração livre e selvagem continua a ser o mesmo de antes.

Ele é uma pessoa completamente livre. Mas é livre também dos outros.

VI. PERSONALIDADE

Ele olha-nos diretamente nos olhos; não é nosso inimigo mas desafia-nos.

O Mago é um apelo para sermos ativamente a pessoa que aspiramos ser. Encoraja-nos a pagar o preço da liberdade, que é a solidão.

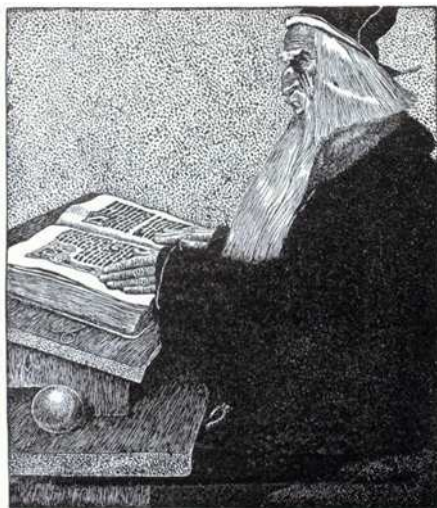
O Macho, que antigamente caçava e que hoje trabalha, que age no mundo exterior, também vive solitariamente.

Claro que volta a casa, gosta do seu ninho, do carinho, do porto seguro; mas isto já não é genuinamente masculino e acontece porque fraqueja no seu papel de Mago.

Por definição, o masculino é a ação, o direcionamento, o percorrer do caminho, o determinar do alvo e o desenvolvimento e crescimento para conseguir atingi-lo.

O Mago é assim. Ele evolui. Não fala e faz. Não chora e ajuda. Não se compromete e vai em frente.

Se um dia precisarmos de falar com alguém que nos dê ideias e nos mostre quais as ferramentas, experiências e capacidades a usar, convém ir ao Mago.



Como todas as figuras arquetípicas, também Merlin não tem uma só história e é definível de várias maneiras. A sua ascensão ao mito começa, no entanto, sempre com uma profecia em criança, quando esteve para ser sacrificado. Salva-se prevendo o futuro. Na maioria das fontes é Merlin que institui a Távola Redonda do Rei Artur e inicia a procura do Santo Graal. Aquele recipiente do sangue de Jesus, neste contexto, pode ser visto como a salvação do homem Merlin que procura o seu caminho, equilibrando-se entre os dois lados do feminino. A Senhora do Lago, algumas vezes identificada como Nimuë, é a sua grande aliada enquanto que Morgana, ou em outras tradições a própria Nimuë, é a poderosa adversária que acaba por vencê-lo. Ao longo do tempo o lado sombra de Merlin foi se perdendo e hoje é visto como o protótipo do mago branco. A magia negra esteve muito presente inicialmente e a antiga figura do Merlin pagão era eticamente bastante duvidosa por retratar uma personagem selvagem e muitas vezes à beira da loucura. Também um grande mago tem de ser domado e civilizado.

Merlin, um dos mais famosos magos europeus e poderoso conselheiro do rei Artur na sua procura do Santo Graal, foi derrotado unicamente pelo amor. Era esta a única área da vida em que mostrava fraqueza e a única força que não conseguia dominar.

Uma grande parte do imaginário de como um mago está vestido, qual a sua aparência e como se comporta, foi influenciado pela figura mítica de Merlin, que assim poderá ser visto como um dos magos com mais influência na cultura ocidental.

A derrota no final da sua vida, pela traição da mulher que amava, mostra que Merlin preencheu completamente a forma do arquétipo do mago assim como é definido pelo mundo masculino e patriarcal.

um terceiro e novo elemento evolutivo, nascido da união com o masculino.

Medeia mata várias pessoas inocentes, incluindo os seus filhos, para recompensar ou castigar um único homem que ama perdidamente. Ela não é uma mulher maléfica mas mostra uma consequência medonha nos seus atos de vingança e de possessividade que são dum egoísmo atroz. Exibe, no ponto alto da história, e no ponto mais baixo em termos de humanidade, o direito de posse que só a Grande Mãe tem. Quem dá a vida também a leva.

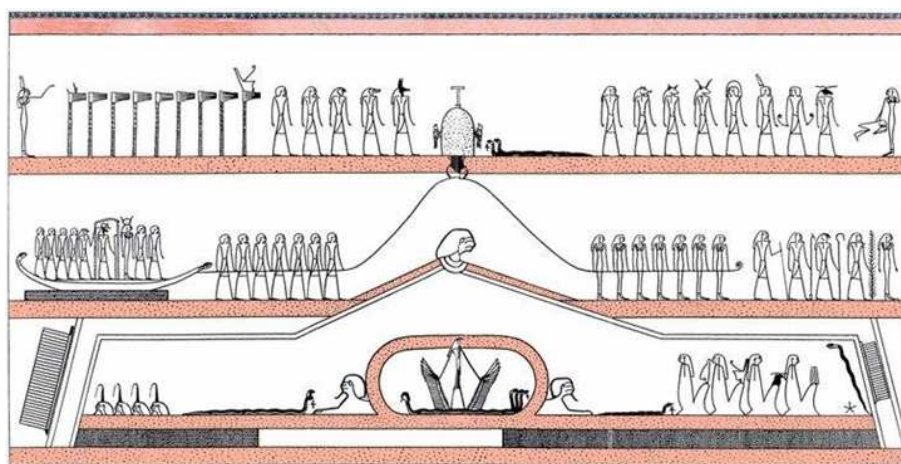


Maria Callas no filme "Medea" de Pier Paolo Pasolini desempenhou o papel da sacerdotisa solitária, passional e incompreendida que se vinga de maneira definitiva e cruel da hipocrisia e da injustiça que sofre no mundo. Medeia não só representa o lado negro da Sacerdotisa mas na mitologia era, de facto, uma sacerdotisa do templo. Traindo a sua crença e a sua posição, ajuda Jasão a roubar o tosão de ouro, vendo-se mais tarde traída e abandonada por ele, no qual tinha depositado todas as esperanças duma vida. Ela, cujo nome significa Aquela que sabe os conselhos, recorda-se, então, dos seus antigos conhecimentos de magia e inicia uma matança que só acaba depois de também ter assassinado os filhos que teve com Jasão, cujo nome significa Aquele que cura. A mensagem dos nomes ou é cínica ou duma sabedoria cármica para além do humano.

Utilizando este direito e a arma dolorosa da morte dos filhos, ela alveja diretamente ao coração da sua vítima que acaba completamente desprovida de tudo que amou. O sacrifício horrendo, ao que ela própria se submete, corresponde ao valor dum ser humano. Só que, normalmente, esta aprendizagem acontece aos poucos e às prestações, para continuar na imagem. Medeia vive tudo de uma só vez e enfrenta brutalmente a totalidade do seu carma negativo numa única vida,

O cubo, também ali chamado de *a Pedra*, aparece no “Amduat” do Antigo Egito. Este livro, com o subtítulo "As Escrituras da Câmara Secreta", é a mais antiga compilação de textos egípcios sobre o além, o mundo dos mortos e da noite.

Descreve o caminho do Sol através das doze horas da noite, passando por portões e mundos de perigos e desafios diferentes, até renascer no final da noite, numa ressurreição apoteótica matinal.



Sokar, na imagem do Amduat no registo inferior no meio, é um dos primeiros deuses do Antigo Egito e pouco sabemos acerca dele. Muito antes de Osíris e, mais tarde, Ptah subirem ao trono como reinantes do submundo, Sokar era venerado como um dos deuses primordiais. Nos mais antigos textos sagrados egípcios, os "Textos das Pirâmides", ele é descrito como responsável pela morte e ressurreição da alma cósmica. A cobra e o falcão como animais simbólicos tiveram a sua primeira aparição histórica como representantes de Sokar. Todo o planalto de Gizé, provavelmente, tinha sido o recinto sagrado deste grande e poderoso deus cujo culto principal foi, mais tarde, transferido para o grande templo de Hórus em Edfu. Sokar está mais relacionado com a antropogênese, a criação do ser humano, do que com a antropologia religiosa. Ele pertence à geração de deuses anteriores a Ísis e Osíris, sendo assim de difícil acesso e compreensão por uma religiosidade social como hoje a temos.

A sexta hora, a da meia-noite, é a hora mais profunda e mais negra da noite e o ponto em que o Sol está mais longe do céu e do seu zênite, afundando-se nas escuras entranhas da terra e do submundo.

O deus reinante deste mundo é Sokar, um dos mais ancestrais deuses dos mortos. É dito que ele "está na sua pedra e protege o seu nome secreto".

A Sacerdotisa, estando sentada no meio entre as duas, representa o ponto de equilíbrio entre quaisquer dualidades. Com isso, ela representa a aniquilação completa de si mesma, pois no ponto absoluto do equilíbrio total tudo tem o seu oposto perfeito, impossibilitando, assim, qualquer ação ou mesmo qualidade determinante.

XVI. LIVRO

O livro que ela segura é a Torá.

Para os judeus este livro é o pentateuco, os cinco livros da Lei de Moisés. Mas para outros poderá ser qualquer livro sagrado, pois a palavra “torah” significa instrução, mandamento ou ensinamento.

O valor deste livro é inestimável, pois é o Livro dos Livros da sacerdotisa do *Templo dos Templos*.

Não é por coincidência que ela tem este livro na mão esquerda, que é o lado do mundo dos sentimentos, das intuições e do compreender sem palavras.

Não é a mente que a ilumina.

Não existem, na antiguidade, muitas mulheres com um livro na mão. A Sacerdotisa, certamente, é uma das sibilas com um dos livros sibilinos.

As sibilas eram dez mulheres sábias, profetisas e sacerdotisas de religiões e cultos antigos que já não eram praticados. Eram vistas como fontes de sabedoria primordial e original.

Os livros sibilinos, na Antiga Roma, tinham um valor impagável. O senado, em tempos de crise, consultava-os oficialmente.

Diz-se que Lúcio Tarquínio, o último imperador romano, foi abordado por uma velha mulher que lhe ofereceu nove livros sibilinos por um preço exorbitante.

Ela, na verdade, era a famosa Sibila de Cumas.

O imperador, não conhecendo o conteúdo dos livros, rejeitou.

A sibila então queimou três dos nove livros. Mas ofereceu-lhe, mais uma vez, os restantes seis livros pelo mesmo preço.

Mais uma vez ele rejeitou e a mulher queimou mais três dos livros. Manteve o mesmo preço pelos três últimos livros que mais uma vez lhe ofereceu.

E finalmente Tarquínio aceitou os livros e a sabedoria.

Existem, basicamente, duas razões pelas quais nós, os humanos, queremos estar em cima, no topo duma montanha, muitas vezes simbólica:

Uma é para ver melhor, ter mais visão, mais conhecimento e para crescer criando futuro.

A outra é para ser visto, ter seguidores, para ter mais poder, mas um dia morrer não deixando nada.

Qualquer montanha também é uma alegoria para a ambição humana, que pode ter estas duas direções e estes dois focos diferentes e opostos. Trata-se, resumindo, da questão do poder. Queremos um poder exterior sobre outros ou interior sobre nós próprios? Cabe a nós decidir por um dos caminhos.



Com o **Três de Paus** continuamos numa montanha com vista para o mar ou um grande rio.

A situação parece igual mas não o é, pois o castelo existente na carta anterior desapareceu.

Não temos mais a segurança exterior dum mundo protegido com muralhas artificiais.

Temos, agora, o horizonte ao nosso alcance através dos barcos que velejam nas águas do nascer-do-sol, que não poderá nunca ser um pôr-do-sol porque estamos, com três paus, no início da viagem da vida.

A pessoa nesta montanha está a supervisionar a sua conquista pessoal do mundo, e está a agir, a pôr em prática o que primeiro tinha sonhado e em seguida planeado. Qualquer carta de Três segue este dinamismo de sentir, pensar e fazer; ou seja: Alma, mente e corpo.

E pelo facto de tudo isso se realizar finalmente no cimo de uma montanha temos um sinal que dificilmente poderia ser melhor, pois quase que abençoa os empreendimentos mundanos com a luz amarela que vem do alto com a força do divino.



Já falámos de montanhas imponentes, enormes, frias, nevadas, como fortalezas celestes da divindade.

Podemos vê-las, com toda a sua presença poderosa, nas cartas **O Julgamento** e **O Louco**, que, através destas montanhas têm em comum a presença magnífica e aterradora dos deuses.

Mas também existem outras montanhas, entre elas as azuis, que são altas, longínquas e inatingíveis, mas que não provocam respeito, admiração ou medo, mas levam-nos aos sonhos, desejos e à saudade. São as montanhas azuis do alto, do paraíso e do além.

Não será por acaso que o mundo dos mortos na carta da Morte, mesmo com um sol amarelo, é tingido completamente de azul. O romantismo alemão criou um símbolo que é a flor azul. Simbolizava o insaciável desejo interior pelo inalcançável, pelo paraíso e pela morte, pelo sonho e pelo despertar.

Não é coincidência que esta flor é azul e cresce nas montanhas azuis. Ali, longe, vive tudo o que um dia aspiramos ser e ter. Tudo o que nos liberta e purifica, nos apazigua e conforta, tudo o que é o amor e a paz.

Neste sentido, voltando à iconografia das cartas, as montanhas azuis representam, com tudo o que isto significa, a saudade.



Não é por acaso que a lenda de São Jorge se tornou uma das mais populares do cristianismo, pois ela não é de todo cristã mas helénica, e provavelmente até muito mais antiga. O monstro marinho que exigia um sacrifício humano em forma de princesa e que foi vencido por Perseu, é o mesmo como o dragão de São Jorge. Juntaram-se os elementos cristãos da época, igualando o monstro à serpente, que é o Diabo. A mensagem, no entanto, não mudou. Continuam a ser as forças da aliança da luz, representada pelo humano e o seu cavalo, a vencer o poder das trevas. A ordem prevalece e o caos é dominado, a hierarquia divina, a evolução da consciência e a civilização são defendidas e preservadas. O mundo primitivo e meramente instintivo, dos dinossauros e répteis, é vencido com o dragão. Inicia-se um novo mundo de moral, consciência e harmonia.

Todas as noites Ré, o deus do sol, tinha de lutar e de vencer Apófis, para que pudesse novamente levantar-se na manhã seguinte. O céu tingido de vermelho antes do nascer-do-sol era interpretado como o sangue derramado da serpente gigante, indicando a vitória de Ré.

Vitória que durava só um dia, e que tinha de ser diariamente repetida. A batalha da luz contra as trevas é perpétua e constante.

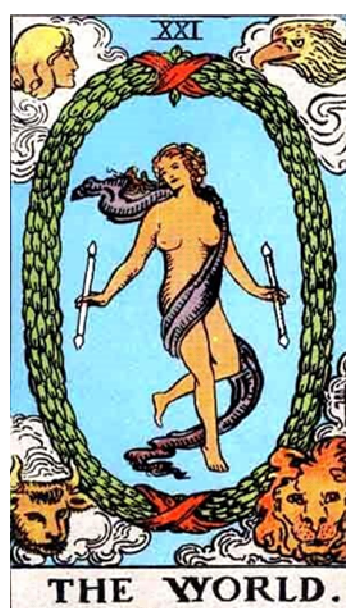
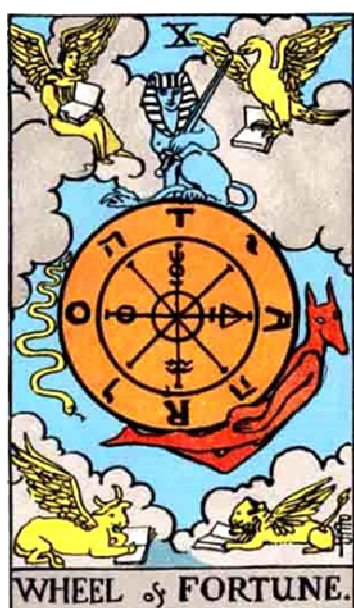
Tanto o dragão como a serpente estão associados à terra e ao subsolo, que equivale ao submundo e à escuridão.

seguiam. O rei Artur uniu doze cavaleiros à sua volta na tábua redonda. O ano solar, que usamos hoje em dia, tem doze meses. Muitos outros sistemas estão baseados no número doze, e todos eles estão ligados ao Sol, seja astronômica ou simbolicamente. O leão, como o sol ou o rei, tem poder sobre a vida daqueles que vivem abaixo dele.

O *Physiologus* ainda vai mais longe, pois não somente atribui ao leão o poder de dominar ou tirar a vida aos seus súbditos, mas até o retrata com a capacidade de dar a vida. O leão, assim, assemelha-se realmente a um deus.

Ao contrário do simbolismo da cobra e do dragão, aquilo que o leão representa não é nem contraditório nem ambíguo.

O leão é sempre um símbolo da energia vital, apareça ela da maneira que for, como luz solar, linhagem dinástica ou como líbido sexual.



Aparece o leão, agora alado para sublinhar a sua divindade, também na carta da **Roda da Fortuna** e do **Mundo**. É, aqui, uma das quatro figuras determinantes dum contexto maior.

São João, no Apocalipse, descreve quatro seres que representam, segundo interpretações posteriores, os quatro apóstolos e os quatro elementos do mundo:

O valete, que é do elemento terra, é emocional mas pragmático.

A rainha, por ser uma pessoa completamente de água, tem toda a razão em temer o inconsciente.

Ela sabe que facilmente se afundará nele.

Assim, a melhor solução é mandar matar o peixe, por uma criança que não sabe o que faz.

Assim, a rainha evita qualquer sentimento de culpa e consegue manter-se inocente e pura.



A carta do **Imperador** está ligado ao carneiro quatro vezes.

Em muitas religiões, o carneiro é um símbolo do divino e da força criativa primordial da natureza e da luz.

No zodíaco astrológico, o carneiro é o primeiro signo e inicia a roda da vida.

Representa o impulso vital e a fertilização.

Por tudo isso, em muitas culturas o carneiro foi e é um dos mais importantes animais de sacrifício.

O imperador, para consolidar o seu poder, sacrificou muitos carneiros, à volta e dentro dele. Ele conhece o valor e a força do sangue.

Existe uma história dos sacrifícios, que começa no Egito com os bois sagrados de Ápis, passa pela cultura minóica com o Minotauro, continua com o sacrifício do carneiro e depois do cordeiro, e acaba com o sacrifício humano final de Cristo.

O Imperador, como também Abraão, teria sacrificado o seu filho Isaac se Deus não lhe tivesse dado um carneiro em substituição.

A dor seria imensa, mas o que tem de ser feito tem de ser feito. Assim é o Imperador.



A mulher na carta de **Dois de Espadas** está vendada, como também aquela na carta de Oito de Espadas. Mas, ao contrário dali, ela aqui está em segurança.

No entanto, o tema das duas cartas é o mesmo. Ambas falam da relação entre a mente consciente e as emoções inconscientes, da relação entre a terra e o mar. A diferença é que nesta carta, a mulher não teme o seu inconsciente mas controla-o. Um controle, no entanto, que será sempre temporário, pois não está baseado em compreensão ou comunicação, mas em ignorância.

De olhos vendados, num esforço constante de manter as duas espadas erguidas, e virada de costas para as suas emoções, esta mulher não conseguirá manter o equilíbrio e a sua paz interior durante muito tempo. A água, apesar de estar duplamente fora do seu campo de visão, pois ela necessita da venda e também está virada, não deixou de existir. Bastará o menor sinal de fraqueza e o mar entrará.

Uma das forças mais indomáveis da água é a sua capacidade de infiltração.

A longo prazo, absolutamente nada resiste à água, e mais cedo ou mais tarde tudo nela se dissolverá.

Como a terra foi arrancada ao mar, assim a vida pode ser vista como arrancada à morte. E também desta maneira, a consciência é arrancada ao inconsciente.

A mulher nesta carta, portanto, não somente tem atrás de si o mar, mas também dentro dela própria existe um mar do qual ela não se salvará com a atitude de ignorância que está assumir.

As duas espadas, tal como ela as segura, formam um triângulo com a base para cima e a ponta para baixo, que é o símbolo alquímico da água.

Ao lado, também fora do campo de visão da figura, existe uma ponte que atravessa o rio. Seria possível chegar ao outro lado e sair da realidade depressiva em que se encontra esta pessoa.

A barreira do rio é nesta carta uma ilusão criada pela decepção.



A única maneira de sair de uma depressão e duma realidade na qual não mais nos reconhecemos, é começar a andar como mostra a carta **Oito de Copas**. Mesmo sem esperança.

Todas as viagens, no mundo exterior ou interior, começam com um único passo.

E quando fazemos este primeiro passo, muitas vezes ainda não temos nenhuma ideia para onde irá a viagem. Mas o que importa é andar.

No entanto, temos um aliado poderoso e um conselheiro confiável que está sempre ao nosso lado, e que normalmente menosprezamos e maltratamos.

Este guia que nunca nos abandona é a nossa alma, o nosso inconsciente e as nossas intuições. Nesta carta, a pessoa confia e segue o rio.

Como alguém que, perdido na selva, deve procurar um rio para chegar a alguma povoação, assim também o nosso rio interior leva-nos de volta para o mundo, salvando-nos da nossa própria escuridão.

Mas existe uma diferença entre aquele que se perdeu numa selva do mundo exterior e aquele que não encontra mais o caminho dentro de si.

Quando procuramos a luz que perdemos no nosso interior, não devemos descer o rio, seguindo a corrente, pois então acabaremos por nos dissolver no mar. Na busca de respostas interiores o caminho para a salvação é aquele que sobe, e que vai contra a corrente. É assim que conseguiremos elevar-nos e finalmente superar aquilo que nos deixou nas sombras.

A figura na carta de Oito de Copas abandona uma coleção de copas, todas de pé e arranjadas de maneira bonita, mas por alguma razão isso

Como neve, a água perdeu a sua capacidade vital, que é o fluir. O efeito é uma pobreza financeira e emocional.

A neve, como símbolo, é a desumanização da água.



A casa iluminada por trás das duas figuras caminhando perdidas na neve e no frio como mostra a carta **Cinco de Discos**, não é somente uma proteção contra o inverno mas também é uma proteção cínica de outros humanos que possam ter necessidade de aquecer-se.

A partir de um certo limite, nenhuma riqueza é justa ou merecida, e se não houver alguma devolução do excesso supérfluo, aquele que não quer saber dos outros será castigado com constante medo.

Porque no interior da casa, o que de fora era neve derrete e reanima as emoções. O pobre conforma-se e assim encontra a paz. O rico que finge não ver o pobre paga o preço pela justiça com a sua alma. No nosso mundo é impossível falar de humanismo sem falar de dinheiro.

Encontramos no topo das montanhas um outro tipo de neve, longínquo e afastado de qualquer sociedade ou realidade humana. Perto do firmamento nada sobrevive que não tenha já assimilado qualidades divinas.

